

‘Oficina’ 2021-2

Discrepâncias aparentes

1. Algumas Anomalias Relacionadas na Genealogia do Cristo segundo Mateus

O propósito de Mateus é demonstrar que Jesus, o Messias, tem o direito, segundo a lei, de sentar no trono de Davi (talvez respondendo à pergunta do próprio Jesus em Mateus 22.42). Embora a genealogia contenha muitos reis, Davi é o único a ser descrito como 'o rei', e duas vezes. Sendo que o trono de Davi tem a ver com o povo da aliança, e aquela aliança começou com Abraão, a genealogia também. E termina com José, o 'pai' de Jesus por adoção, já que Jesus não tinha qualquer gene de José.¹ Para o propósito de Mateus, era suficiente mostrar que José foi descendente linear, e legal, de Davi; o número de gerações no meio não vinha ao caso. O Evangelho de Mateus foi dirigido primariamente a uma plateia judia, a quem o direito legal era importante.

Mateus divide a sua genealogia do Cristo em três grupos de catorze 'gerações'. Uma comparação de sua genealogia com o registro no AT nos ensina que a genealogia não é 'normal', direta — existem anomalias.² Numa tentativa de entender o propósito que jaz por detrás das anomalias, vou começar com o segundo grupo, que é composto de reis soberanos de Judá (com a possível exceção do último). Recorrendo ao AT descobrimos que houve dezessete reis tais, não catorze (Jeoacaz era mero 'boneco' do Faraó Neco durante três meses, e não vale). **Mas**, Mateus diz 'gerações', não reinados, e como Acazias reinou somente um ano, Amom só dois, e Abias só três, eles podem ser assimilados dentro das catorze gerações. Isso posto, no entanto, observamos em seguida que Abias e Amom são incluídos na lista, mesmo assim, ao passo que Acazias não o é, seguido por Joás e Amazias. Os três nomes excluídos formam um grupo entre Jorão e Uzias.

O verso oito diz que "Jorão gerou Uzias", o verbo 'gerou' sendo o mesmo usado na genealogia inteira, mas na realidade Uzias era tataraneto de Jorão. Daí somos obrigados a entender que 'gerou' diz respeito a descendente linear, não necessariamente a um filho. Também percebemos que o número 'catorze' não está sendo utilizado num sentido estritamente literal (fosse qual fosse o propósito do autor). Também transparece que o vocábulo 'geração' não está sendo usado num

¹ De fato, não podia, devido às profecias em Jeremias 22.30 e 36.30, onde tanto Jeconias como Jeoiaquim são amaldiçoados. Contudo, Jesus recebeu genes de Davi através de Maria, que vou comentar a seguir.

² Creio que Mateus compôs seu Evangelho debaixo de direção divina, que me leva à conclusão que as anomalias são propositadas, da parte de Deus. Por tanto, minha tentativa de desvendar as anomalias procura entender o propósito do Espírito Santo ao introduzi-las no registro.

sentido estritamente literal. Segue-se que estamos diante de uma genealogia editada, editada de acordo com o propósito do autor.

No intuito de entender porque o grupo de três teria sido excluído, pergunto: O que têm eles em comum? Eles tinham em comum genes de Acabe e Jezabel, bem como uma influência espiritual e moral direta, a partir deles. A mãe de Acazias foi Atalia, filha de Acabe e Jezabel, de sorte que 50% de seus genes vieram de Acabe. 2 Reis 8.27 diz que Acazias era genro da casa de Acabe, referindo-se à mãe de Joás, se sorte que 75% dos genes dele vieram de Acabe. Sendo que Joás casou com Joadã de Jerusalém, a contaminação em Amazias caiu para 37%, e depois em Uzias abaixo de 20%.¹ É esta a minha melhor explicação para a exclusão daquele grupo; uma repreensão após o fato. (Mateus está dando uma genealogia editada do Cristo, e os genes de Acabe eram indesejáveis, decididamente.)

Vamos agora a outra anomalia: $14 \times 3 = 42$, mas encontramos somente 41 nomes. Que fazer? Começamos por observar que tanto Davi como Jeconias recebem menção em ambos os lados de uma 'divisa'. Analisarei a segunda divisa primeiro. O verso onze diz que "Josias gerou Jeconias e seus irmãos", passando por cima de Jeoiaquim, o pai de Jeconias. Mas segundo o Registro, foi Jeoiaquim que teve 'irmãos', e não Jeconias. Sendo que precisamos do Jeconias verdadeiro no terceiro grupo para completar catorze nomes, coloco Jeconias no terceiro grupo — contando tanto Jeconias como Cristo temos catorze nomes.²

Mas porque teria sido Jeoiaquim omitido? Até onde sei, ele é o único rei que teve a perversidade de cortar em pedaços um rolo contendo Palavra de Deus, e ainda jogar no fogo, Jeremias 36.23; e a maldição que segue no verso 30 é declarada como sendo conseqüência daquele ato. Se colocássemos Davi no segundo grupo, Jeoiaquim faria quinze. Mas sem Jeoiaquim precisamos de Davi no segundo grupo para perfazer catorze. Mas aí surge outra dificuldade: precisamos de Davi também no primeiro grupo, para ter catorze nomes. Por causa dos "irmãos", entendo que o 'Jeconias' antes do cativo em verdade representa Jeoiaquim, cujo nome foi omitido devido a seu crime hediondo de destruir o Rolo. Assim sendo, temos catorze nomes sem Davi, e ele pode ser contabilizado no primeiro grupo.

Se o segundo grupo é composto de reis soberanos,³ o primeiro o é de patriarcas. Atos 2.29 chama Davi de 'patriarca', e portanto ele não pode ser desqualificado por isso, mas naturalmente é muito mais conhecido como rei — aliás, ele é expressamente chamado de rei na genealogia (o único assim). Embora Davi possa ser

¹ Foi Dr. Floyd N. Jones que me levou a desenvolver esta abordagem (*Chronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, KingsWord Press, 1999, pp. 38-42).

² Depois, se quatro pessoas foram omitidas do segundo grupo, outros possivelmente foram omitidos do terceiro, mas não temos como saber, e de qualquer maneira, não faria diferença para o propósito da genealogia.

³ Embora Jeoiaquim começasse como vassalo de Neco, depois da derrota do Egito por Babilônia ele ficou sem 'dono' por algum tempo, até ser conquistado por Nabucodonosor.

tanto patriarca como rei, ele não pode ser duas pessoas, e nem duas gerações. Daí, não gosto da proposta que ele deva ser colocado como pessoa em ambos os grupos — não devemos nem dividi-lo ao meio, nem duplicá-lo. Ao meu ver, ele ficaria melhor no segundo grupo, mas com isso só restariam treze para o primeiro. Portanto, provisoriamente, vou colocar Davi no primeiro grupo, perfazendo catorze. Como Davi é utilizado como a primeira 'divisa', e como o propósito da genealogia é estabelecer o direito de Jesus ao trono de Davi, o nome de Davi é repetido, mas não o contabilizo no segundo grupo.

Que entrem em cena Raabe e Rute (e se quatro pessoas foram omitidas no segundo grupo, por que não poderiam algumas serem omitidas também do primeiro?). Passaram 340 anos entre a morte de Josué e o nascimento de Davi, e Salmom casou com Raabe enquanto Josué ainda vivia, presumivelmente. Mas com isso Boaz, Obede e Jessé, todos os três, seriam obrigados a procriar aos 100 anos de idade, mais ou menos (talvez não impossível, mas certamente improvável). Mas, e se 'gerou' está sendo usado para neto, como já vimos? (Josias gerou 'Jeconias', sem menção de Jeoiaquim.) Se os genes de Atalia foram o suficiente para desqualificar Acazias, que dizer dos genes de Raabe? Ela nem era israelita, e pior, era prostituta. Ora, a Lei diz coisas um tanto severas a respeito de prostituta.¹ "Não trará o salário de prostituta nem o preço de catamita à casa do SENHOR teu Deus . . . porque ambos são abominação ao SENHOR teu Deus" (Deuteronômio 23.18). Se um sacerdote fosse casar com uma prostituta iria profanar sua descendência (Levítico 21.13-15), e que dizer então de um ancestral do Messias? Claro que uma prostituta pode ser salva, mas porque foi ela sequer mencionada? E porque foram mencionadas Tamar, Rute, e a mulher de Urias? Normalmente mulheres não foram mencionadas nas genealogias.²

Agora pensemos em Rute. Ela era moabita, e segundo Deuteronômio 23.3 moabita não podia entrar na congregação do SENHOR até a décima geração. [Tenho como exemplo estarrecedor da graça de Deus que ela tenha sido incluída na linha do Messias.] Ela abraçou o Deus de Noemi, mas e os genes dela? 'Dez gerações' tem a ver com genes, não conversão espiritual. Moabe foi filho de Ló, e o primeiro 'moabita' seria seu filho; provavelmente um contemporâneo de Jacó. De Jacó a Salmom temos sete gerações, certamente menos que dez, de sorte que Rute não podia entrar. Poderia ser possível que Raabe e Rute representam uma geração omitida, cada uma? Poderia ser por isso que recebem menção?³ Se dividirmos 300 anos por cinco (em vez de três), então em média a idade de procriação seria 60 anos,

¹ Contudo, "a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1.17). Sendo esta uma genealogia editada do Messias, pode ser que Raabe, e as outras mulheres, foram incluídas para enfatizar a graça do Messias.

² Nenhuma das mães decentes, honestas, honradas, responsáveis recebe menção, só 'exceções'.

³ Tamar sofreu uma injustiça severa, e o pecado de Davi com Bate-Seba foi de uma perversidade incomum (assassinato covarde), mas Raabe provavelmente foi vítima das circunstâncias, e Rute certamente não tinha culpa de ter nascido moabita.

bem dentro do razoável (e se mais que duas gerações foram omitidas, a média seria reduzida ainda mais). Repito que esta não é uma genealogia 'normal'. Para que queria Mateus três grupos 'iguais', e por que 'catorze'? Talvez por razões estilísticas (simetria, equilíbrio) e mnemônicas. Contudo, a minha preocupação foi tratar possíveis erros de fato, assim percebidos, que um Texto inspirado não deve ter.

Concluindo: Mateus nos dá uma genealogia editada do Messias. Se por um lado ela enfatiza a graça do Messias, por outro lado reflete a santidade dEle — Ele não pode passar por cima de pecado e suas conseqüências (essa santidade é responsável pela exclusão dos quatro nomes no segundo grupo). Se as quatro mulheres foram incluídas para mostrar a graça do Messias, é também verdade que as conseqüências do pecado não são escondidas — a quarta é simplesmente 'a mulher de Urias' (não 'viúva', embora Salomão fosse concebido após o assassinato de Urias — Davi não casou com viúva, roubou a mulher do outro).

2. A Genealogia de Maria – Lucas 3.23

Και αὐτὸς ἦν ὁ Ἰησοῦς, ὥσει ἐτῶν τριακοντα ἀρχομενος, ὡν ὥς ἐνομίζετο υἱὸς Ἰωσήφ, τοῦ Ἡλεὶ, τοῦ Ματθαῦ, τοῦ Λευὶ, τοῦ Μελχι, . . .

Quatro palavras aqui causam surpresa, e pedem explicação, a saber: *καὶ*, *αὐτὸς*, *ἦν* e *ὥς*. Como o verso 22 termina com o dizer do Pai, quando do batismo de Jesus, fica claro que verso 23 começa outro assunto. Mas a conjunção que fornece a transição é *καὶ*, e não *δέ*, como poderíamos esperar – vale dizer que “Jesus” continua sendo o tópico. Mas assim sendo, para quê o pronome pessoal *αὐτὸς*, e ainda por cima numa posição bastante enfática? Se o intuito do autor fosse meramente registrar Jesus como filho de José, como muitos supõem, bastaria escrever *καὶ ὁ Ἰησοῦς ἦν υἱὸς Ἰωσήφ*, etc.

Mas então, porque colocar *ὥς ἐνομίζετο*? Parece-me que o sentido normal da tradução “como se cuidava” é afirmar que Jesus era de fato filho de José; só que seria exatamente o que Jesus **não** era. Lucas já deixou mais do que claro que o Pai de Jesus era o Espírito Santo – 1.34-35, 43, 45; 2.49. Portanto entendo que Lucas está dizendo que embora o povo imaginasse ser Jesus filho de José, de fato Ele era de outra procedência – devemos traduzir “assim se supunha”. (Lembrar que uma tradução leal e fiel procura transmitir corretamente o sentido pretendido pelo autor.)

O verbo *ἦν* é o único verbo independente no parágrafo inteiro, versos 23-38. Estaria trabalhando com o particípio *ἀρχομενος* numa construção perifrástica? Parece ser a tendência do texto eclético (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos) que coloca o particípio logo após “Jesus”, mas nesse caso Jesus acaba sendo filho mesmo de José. Parece-me muito mais natural levar as frases participiais como sendo circunstanciais, a saber: “começando com cerca de trinta anos” e “sendo (assim se supunha) filho de José”. Deixando essas duas frases de lado temos *ἦν ὁ Ἰησοῦς τοῦ Ἡλεὶ*, “Jesus era de Heli”.

O participio “começando” pede um objeto direto, que o Texto deixa implícito; no contexto parece certo que devemos entender “Seu ministério”, ou coisa parecida, razão pela qual as principais versões costumam acrescentar a frase.

Eu traduziria assim: “Ora Jesus, começando *seu ministério* com cerca de trinta anos, sendo (assim se supunha) filho de José, era mesmo de Heli, de Matã, de Levi, . . .” Então, o pronome enfático *αυτος* realça o contraste entre o que o povo imaginava e o que era de fato. Jesus era neto de Heli, o pai de Maria—Lucas dá a genealogia de Jesus através da mãe, ao passo que Mateus a dá através do pai adotivo. Jesus recebeu alguns dos genes de Davi através de Maria e Natã (outro filho de Davi); o corpo glorificado ora sentado à direita do Pai, e que um dia vai ocupar o trono de Davi, tem alguns dos genes deste.

O texto eclético dá uma redação diferente ao verso: *και αυτος ην Ιησους αρχομενος ωσει ετων τριακοντα, ων υιος, ως ενομιζετο, Ιωσηφ του Ηλι του Μαθθατ του Λευι του Μελχι, . . .* (seguindo menos que 2% dos manuscritos gregos). A NVI traduz assim: “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando começou seu ministério. Ele era, como se pensava, filho de José, filho de Eli, filho de Matate, filho de Levi, . . .” Ora, o sentido normal dessa redação é que Jesus era de fato filho de José; será que não? Mas o problema não é só da NVI; cada versão que já vi diz que José era filho de Heli, o que contradiz Mateus: “Jacó gerou José”. Atenção para a precisão de Lucas – o vocábulo ‘filho’ (sem artigo) ocorre unicamente com ‘José’, embora as versões costumem acrescenta-lo pela genealogia toda. O vocábulo não se aplica ao primeiro nome na lista, nem ao último: Heli não gerou Jesus (e nem José), e Deus não gerou Adão (criou). Lucas deliberadamente não colocou o vocábulo.

Conclusão: quando entendemos Lucas corretamente, ele não contradiz Mateus (no que diz respeito ao pai de José), e não afirma um erro de fato (no que diz respeito ao pai de Jesus). Também, é totalmente improcedente jogar Lucas contra Mateus alegando que sejam versões contraditórias da mesma genealogia.

3. Uma harmonização dos relatos da Ressurreição

O oponentes de uma Bíblia com autoridade objetiva têm insistido, há décadas e séculos, em que existam discrepâncias insuperáveis entre os relatos dos quatro Evangelhos a respeito dos acontecimentos no dia da Ressurreição. Meu propósito aqui é demonstrar que não existem tais discrepâncias.

A seqüência presumida dos acontecimentos

0. [Sábado – os guardas selam a pedra e se põem a vigiar (Mateus 27.62-66).] Esta é uma peça necessária como pano de fundo.
1. Jesus ressuscita dentre os mortos. Nenhum dos Evangelistas menciona o momento da ressurreição; provavelmente porque essa informação nunca foi

revelada. O fato é tido como dado (“o primogênito dentre os mortos” – Colossenses 1.18 e Apocalipse 1.5; as “primícias” – 1 Coríntios 15.20,23).

2. Cedo de manhã, domingo, as mulheres se dirigem ao túmulo – a Madalena (João 20.1); Madalena e Maria (Mateus 28.1); Madalena, Maria e Salomé (Marcos 16.1-2); Madalena, Maria, Joana e outras (Lucas 23.55 – 24.1,10). Os relatos dizem que foi muito cedo, começando a amanhecer, ainda escuro, mas até chegarem ao túmulo o sol já tinha aparecido. Não há discrepância: aquele jardim fica no lado oeste de uma montanha, e por tanto o túmulo estaria em sombra, além da sombra das árvores. Elas saíram de casa quando ainda era meio escuro, mas ao chegarem já era dia no vale – a área do túmulo ainda estaria um pouco escuro.
3. A caminho falam da pedra, “Quem nos revolverá a pedra do sepulcro?”, porque era muito grande (Marcos 16.3).
4. Antes que elas cheguem, um anjo remove a pedra, acompanhado de terremoto, etc. (Mateus 28.2-4). A remoção da pedra não foi para deixar Jesus sair; foi para deixar testemunhas entrar! Se dispuséssemos apenas do relato de Mateus, poderíamos pensar que as mulheres viram o anjo com brilho fora do sepulcro, mas uma comparação com os outros relatos nos leva a outra conclusão. Mas então, como sabemos desses detalhes? Mateus 28.11 diz que ‘alguns’ da guarda foram aos sacerdotes, e aceitaram dinheiro (bastante) para espalhar relato falso, mas e os outros guardas? Não duvido que alguns deles se converteram, genuinamente, e eles deram testemunha ocular à comunidade cristã.
5. Elas chegam e veem que a pedra foi removida, mas o anjo não está mais do lado de fora, visível (Marcos 16.4, Lucas 24.2, João 20.1). Se o anjo ainda tivesse sido visível, Madalena não teria saído correndo, pois não teria pensado que o corpo havia sido roubado. A hipótese de que ela teria vindo uma vez sozinha, antes das outras, é muito pouco provável (ver o item que segue).
6. Madalena se manda para informar Pedro – Pedro e João correm ao túmulo para ver (João 20.2-3). O fato dela ter utilizado o verbo no plural ‘sabemos’, verso 2, mostra que ela não foi sozinha ao túmulo.
7. Antes de Pedro e João chegarem, as outras mulheres entram no túmulo, e veem e ouvem os anjos (Lucas 24.3-8, Marcos 16.5-7. Mateus 28.5-7). Entendo que Mateus e Marcos são paralelos, aqui, descrevendo o mesmo acontecimento: o anjo que removeu a pedra agora estava dentro do sepulcro, sentado ao lado direito; havia desligado seu brilho e parecia ser um jovem, vestido em branco; cada relato fornece alguns detalhes diferentes da fala do anjo. Agora ofereço uma harmonização dos dois (Mateus e Marcos).

Ao entrarem no sepulcro, elas viram um jovem, vestido de talar branco, assentado à direita, e ficaram amedrontadas. Então o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: “Não tenham medo! Eu sei que vocês estão procurando

Jesus o Natsareno, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, assim como tinha dito! Venham, vejam o lugar onde o Senhor jazia. Agora vão depressa e digam aos discípulos dEle, inclusive Pedro: ‘Ele ressuscitou dentre os mortos; e atenção, Ele está indo adiante de vocês para a Galileia; lá vocês O verão, como ele vos disse’. Pronto, eu já vos avisei!”
[Quase dá a impressão de que o anjo ficou aliviado ao terminar o que tinha de fazer. Fico a imaginar por que.]

Mas as mulheres não estavam satisfeitas com a situação; estava sendo difícil assimilar o fato do corpo ausente (estavam carregadas de especiarias para cuidar desse corpo – foi em vão seu esforço?) Elas não sabiam quem esse ‘jovem’ era [e não esquecer dos guardas ‘mortos’ do lado de fora] Entendo que Lucas fornece uma segunda rodada: aí o anjo chama um colega e ambos ligam o brilho, produzindo efeito de choque; então citam as palavras do próprio Jesus, que elas lembraram, e com isso elas se dão por satisfeitas e vão embora.

8. Elas saem do túmulo com medo, e não dizem nada aos guardas ou a quem mais encontrarem (Marcos 16.8, Mateus 28.8ª).
9. Provavelmente logo após a saída das mulheres, e antes da chegada de Pedro e João, os guardas se mandam (Mateus 28.11-15).
10. Pedro e João chegam e voltam [a suas casas] (João 20.4-10; ver Lucas 24.12, que é um aparte histórico). Verso 8 diz que João (o autor) “viu e creu”. Que foi que João ‘viu’ que levou ele a ‘crer’? Viu as tiras de linho ‘deitadas’, isto é, na forma do corpo, só que não havia corpo! Se alguém tivesse roubado o corpo, como Madalena supunha, teriam levado o embrulho inteiro (mais fácil de carregar) e aí não teria tiras de linho no chão. Se alguém tivesse desembulhado o corpo, por qualquer motivo, haveria um montão de tiras de linho misturadas com as especiarias (quanto pano seria necessário para segurar 45 quilos de especiarias?). Não, Jesus meramente passou pelo pano, como mais tarde passaria pela parede do cenáculo, deixando o embrulho como se fosse uma múmia, ou um casulo vazio. Quando João viu aquilo, entendeu que a única explicação possível era ressurreição.
11. Madalena volta ao sepulcro, mas chega lá após a saída de todos (é por isso que imaginou que Jesus fosse o jardineiro); Jesus aparece a ela primeiro (Marcos 16.9, João 20.11-17). Quando os discípulos saíram correndo, naturalmente Madalena os seguiu de volta ao túmulo. Mas estava sem fôlego, não podendo acompanhar o pique (pensando bem, naquela cultura mulher teria poucas ocasiões para correr, e portanto estaria bem cansada, mas nem por isso iria ficar de lado). Talvez tenha chegado (de volta) quando eles estavam saindo, se não havia encontrado já no caminho. No verso 12 João diz que ela viu dois ‘anjos’. Mas como poderia João saber que eram anjos? Ele acabava de sair, e bem sabia que não havia ser humano

(presumo que os guardas já estavam longe quando os dois chegaram). Os anjos estavam em branco, mas provavelmente sem brilho, ou isso teria sacudido ela, quebrando o desespero. Ela estava tão controlada pelo desespero que nem o ‘casulo’ vazio fez ela parar e refletir.

12. Então Jesus aparece às outras mulheres, e elas seguem para informar os discípulos (Mateus 28.9-10, Lucas 24.9-11). Seria razoável perguntar: Como disporia Madalena de tempo suficiente para ir e voltar e Jesus aparecer a ela primeiro e ainda ter tempo para aparecer às outras mulheres antes que chegassem aos discípulos; ainda mais porque Mateus 28.8 diz que elas saíram ‘depressa’ e ‘correndo’? Ofereço as considerações que seguem para aliviar a dificuldade percebida: 1) A Jerusalém daquele tempo era pequena e as distâncias curtas (‘ficava perto’, João 19.42) – provavelmente não passava de um quilometro entre o túmulo e a casa de Pedro, bem como as casas onde os outros estavam; 2) as mulheres provavelmente demoraram para entrar no sepulcro – os guardas parecendo mortos, escuro, assustadiço (é cemitério), tudo estranho, Madalena a impulsiva não está; estariam desconfiadas – Madalena bem que poderia estar quase chegando na casa de Pedro quando finalmente criaram a coragem de entrar no sepulcro; 3) tanto Madalena, como Pedro e João, estavam excitados e com bastante adrenalina – não demorou tanto; 4) as mulheres saíram correndo do sepulcro e do jardim, mas não necessariamente o percurso inteiro – uma vez fora do jardim e em terreno ‘seguro’ provavelmente diminuiriam a marcha, ou até pararam, para se recompor e discutir o ocorrido (Maria, mãe de Tiago, não é mais mulher nova, e ninguém tinha costume de correr, para nem comentar o tipo de roupa que usavam). Somando tudo, não vejo motivo para duvidar do Texto: tudo ocorreu exatamente como diz.

13. Madalena vai e informa os discípulos (Marcos 16.10-11, João 20.18).

14. Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aparece a Pedro (ver Lucas 24.34). Não vejo como estabelecer a seqüência correta dos itens 14 e 15; poderia ter sido o contrário. Depois, durante o domingo da Ressurreição (não sabemos a hora) muitos santos ressurretos “entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (Mateus 27.53), o que seria uma confirmação dramática para os que receberam essa visita.

15. O episódio Emaús (Lucas 24.13-35, Marcos 16.12-13). Uns e outros têm alegado existir uma discrepância entre os dois relatos – o equívoco é ligar ambos aos ‘onze’, o que não foi o caso. Outras pessoas também estavam no cenáculo, além dos onze (só que eram dez, Tomé estando ausente). Os dez estavam reclinados à mesa; já os ‘outros’ estariam mais perto da porta. Os dois de Emaús entram com ímpeto, animados e talvez se sentindo importantes, falando de seu encontro com Jesus; são os ‘outros’, talvez querendo ‘tirar um pouco de vento de sua vela’, que dizem, “Pois não, pois não, já sabemos; Ele apareceu a Simão”. (A natureza

humana não mudou, e eles ainda não tinham o Espírito Santo.) Enquanto os dois de Emaús estão falando com os ‘outros’, não com os dez, o próprio Jesus aparece e interage com os dez (e eles ainda acham que é ‘fantasma’!). Marcos, escrevendo para romanos, está enfatizando que os discípulos não eram crédulos, não ‘creram’ só porque queriam – no verso 11 eles não acreditam na Madalena, no verso 13 nem nos dois, e no verso 14 Jesus reprova sua incredulidade. Não há nada aqui que impugne a genuinidade destes versos – certamente Marcos os escreveu ao mesmo tempo em que escreveu o resto. Segundo Mateus 28.17, muitos dias mais tarde alguns ainda estavam duvidando. Em qualquer grupo de pessoas sempre a níveis diferentes de fé e incredulidade. As cabeças funcionam de formas diferentes, e em ritmos diferentes.

16. Jesus aparece aos ‘onze’, Tomé ausente (Lucas 24.36-48, Marcos 16.14-18, João 20.19-23).

17. Após a saída de Jesus, Tomé chega (João 20.24-25).

Conclusão

Resumindo, não vejo motivo para duvidar: tudo aconteceu exatamente como o Texto descreve. Não existem discrepâncias, apesar da variedade de detalhes fornecida por várias testemunhas oculares (incluindo guardas convertidos) e registrada por quatro Evangelistas diferentes. É o que deveríamos esperar de um Texto inspirado – inspirado e preservado, até hoje.

4. A Legião – onde foi?

Primeiro havemos de colocar a evidência dos manuscritos gregos. Encontramos o relato em três dos Evangelhos.

Mateus 8.28: γεργέσηνων 98% (guerguessenos) Fiel
γαδαρηνων 2% (gadarenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: "Alguns manuscritos trazem *gergesenos*, outros dizem *gerasenos*". [Por “alguns” a NVI quer dizer uns 1.700, por “outros” ela quer dizer zero! Já a leitura escolhida por ela tem o apoio de uns 30, talvez.]

Marcos 5.1: γαδαρηνων 95,5% (gadarenos) Fiel
γεργέσηνων 4,1% (guerguessenos)
γερασηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: "Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros dizem *gergesenos*".

Lucas 8.26: γαδαρηνων 97% (gadarenos) Fiel
γεργέσηνων 2% (guerguessenos)
γερασηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Nota de rodapé da NVI: "Alguns manuscritos trazem *gadarenos*, outros manuscritos dizem *gergesenos*, também no versículo 37".

Lucas 8.37: γαδαρηνων 96% (gadarenos) Fiel
γεργεσηνων 3,5% (guerguessenos)
γερασσηνων 0,3% (guerassenos) NVI, LH, Atual, Cont, etc.

Vou começar com Marcos. Jesus chega à região/área (não 'província') dos gadarenos. Gadara era a cidade capital da província romana de Perara, e distava uns 10 km da orla do lago. Como Marcos escreveu para um público romano, sua descrição é perfeitamente lógica. Lamentavelmente, o texto grego eclético ora em voga, seguindo três manuscritos gregos de qualidade objetivamente inferior, coloca 'guerassenos', em vez de 'gadarenos', e é seguido por NVI, etc. A nota da NVI é desonesta: utilizar o vocábulo 'alguns' para descrever 1.600 manuscritos contra três é um uso desonesto do idioma nacional. Utilizar 'outros' para descrever uns 60 é aceitável.

Lucas também diz que Jesus chegou à terra/região dos gadarenos; como ele escreveu para um público grego, segue o exemplo de Marcos. Novamente a NVI tem uma nota desonesta, como em Marcos. É mais provável que 'Guerassa' seja uma ficção, um suposto lugar inexistente. Por outro lado, 'Guerguessa' certamente existiu, embora não saibamos mais a exata localização dela. Como vou explicar ao considerar Mateus, parece-me certo que era um povoado perto do lugar onde Jesus desembarcou.

É Mateus que muda de 'gadarenos' para 'guerguessenos', pois ele escreveu para um público judeu — os moradores da Galiléia teriam conhecimento de Guerguessa. O texto grego eclético ora em voga perversamente coloca 'gadarenos', seguindo talvez 30 manuscritos gregos contra 1,700. Novamente a nota da NVI é desonesta. O vocábulo grego comumente traduzido como 'cidade' também pode dizer respeito a vila ou povoado. Pensando um pouco, deve ser óbvio que os porqueros não correram 10 km até Gadara; simplesmente não havia tempo suficiente para isso; mesmo porque o povão não iria correr 10 km para ver o acontecido. Certamente Guerguessa era um povoado mais ou menos perto, talvez dentro de um km. Aí daria para os porqueros correr, contar, e trazer o povão de volta.

Mudando de assunto, é notório que Mateus diz que eram dois homens demonizados, ao passo que Marcos e Lucas mencionam um. Mateus, contador, primava por exatidão numérica; já os outros se limitaram a comentar o indivíduo que se destacou, inclusive pedindo para acompanhar Jesus. Nem Marcos e nem Lucas diz que era somente um demonizado; aliás, eles não utilizam o número 'um'. Então devemos entender que de fato havia dois demonizados no lugar.

5. Entrando, ou saindo, de Jericó? – Lucas 18.35 X Marcos 10.46 X Mateus 20.29-30

Lucas 18.35 e 19.1 deixam claro que o episódio do cego aconteceu antes de entrar em Jericó (Lucas só menciona um cego, mas não diz que era só um). Marcos 10.46 deixa claro que o episódio do cego Bartimeu aconteceu depois de sair de Jericó (Marcos dá nome ao cego, menciona só ele, mas não diz que era só um). Já Mateus 20.29-30 deixa claro que o episódio aconteceu depois de sair de Jericó, só que agora são dois cegos.

Ora, ora, entrar é uma coisa e sair é outra – como então, qual foi? Por estranho que possa parecer, foi ambos! A Jericó que Josué destruiu havia sido reconstruída (pelo menos em parte), e era habitada. Mas no tempo de Jesus, Herodes tinha construído uma nova Jericó, distante talvez um quilómetro da primeira, também habitada. Pois bem, aonde iria um mendigo inteligente se postar? Presumivelmente entre as duas cidades. Entendo que todos os três casos relatados em pauta ocorreram entre as duas cidades; Jesus estava saindo da velha e entrando na nova. Não há discrepância. Acho provável que Lucas e Marcos relatem o mesmo caso, só que Marcos dá nome ao cego.

Mas, e Mateus? Embora tenha sido comum supor que os três relatos digam respeito a um só caso, duvido. Além de afirmar que eram dois, Mateus diz que Jesus “tocou-lhes os olhos”, ao passo que em Lucas e Marcos ele apenas falou. Acho perfeitamente provável que tenha havido mais que um mendigo ao lado daquela estrada (ligando as cidades), e qualquer gritaria seria ouvida de longe. Entendo que Mateus registra um segundo caso – Bartimeu foi curado primeiro, mas ele gritou tão alto que os dois ouviram tudo e sabiam como fazer quando chegou a vez deles.

6. Quantos animais? – Mateus 21.1-7 X Marcos 11.1-10, Lucas 19.29-36, João 12.12-15

Marcos, Lucas e João concordam em mencionar só um animal, um jumentinho. Foi solto, foi levado a Jesus, foi coberto de roupas, e então Jesus o montou. Mas Mateus faz questão de registrar que de fato eram dois animais, o jumentinho e sua mãe. Lamentavelmente, a versão ‘Fiel’ traduz Mateus 21.5 assim: “manso, e assentado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho” – fazendo Jesus montar dois animais! (A LH também faz Jesus montar dois.) Infelizmente a Fiel faz a mesma coisa com a profecia citada, Zacarias 9.9. Geralmente, outras versões fazem Jesus montar só um animal, o que é correto. Contudo, o fato incontornável é que Mateus registra dois animais, com roupas colocadas em ambos.

Por que será que o Espírito Santo levou Mateus a fornecer essa informação a mais? Claro que eu não estava lá, mas ofereço a minha avaliação do ocorrido. Marcos e Lucas registram que nunca ninguém havia montado o jumentinho, e dizem que ele estava amarrado; já Mateus diz que de fato era a mãe que estava amarrada. Parece que o jumentinho era novo o suficiente que ficava bem perto da mãe, de sorte que se ela estava amarrada, ele também estava, para efeito prático (estavam fora na rua,

o que talvez tenha sido uma experiência nova para o jumentinho). Jesus iria expor o jumentinho a uma situação estranha e até de meter medo. Saindo de seu povoado pequeno e quieto, de repente ele estaria cercado de uma multidão gritando. Objetos estranhos seriam colocados no seu lombo, e então alguém, provavelmente maior e mais pesado do que ele, iria assentar-se sobre ele! Creio que Jesus fez com que a mãe viesse junto para dar apoio moral a seu filho. Ela também recebeu os objetos estranhos, e vendo a mãe suportar tudo com calma iria encorajar o jumentinho. De passagem, é até provável que Jesus teve que levantar os pés, para não arrastar no chão; deve ter sido uma cena cômica. Eu me sinto bem ao observar que o Senhor Jesus se preocupou com o bem-estar do jumentinho.

7. Fel, ou mirra? – Mateus 27.34 X Marcos 15.23

Em Mateus 27.34 lemos assim: “deram-lhe para beber vinho azedo misturado com fel”. Que Marcos utiliza um termo genérico, ‘vinho’, no lugar do mais preciso ‘vinho azedo’ (ou ‘vinagre de vinho’), não precisa nos deter. Mas qual foi a mistura? Marcos diz que foi mirra. Ora, fel é uma coisa, uma substância animal, e mirra é outra, uma substância vegetal; foi uma das duas, mas qual? Poderia Mateus ter sido influenciado por Salmo 69.21? “Também me deram fel dentro de minha comida, e para minha sede me deram vinagre para beber.” (Mateus escreveu para um público judeu, e parece ter citado profecia cumprida, sempre que podia.) Mais ‘ao caso’, talvez, é Atos 8.23, onde Pedro diz a Simão (o ex-feiticeiro), “pois eu vejo que você está dentro de um fel de amargura” (assim no Texto grego). Parece que ‘fel’ era utilizado como um termo genérico para qualquer substância amarga. Deduzo que Mateus, talvez influenciado por Salmo 69.21, utilizou o termo genérico. Com isso entendo que a exata substância utilizada foi mirra, como Marcos escreveu.

8. Quantas vezes disse Jesus que Pedro O negaria?

A pergunta pode ser entendida de duas maneiras, e quero responder ambas. Quantas vezes iria Pedro negar, e quantas vezes foi ele avisado? Vou começar com a segunda. Cada Evangelho registra um aviso – os textos pertinentes são: Mateus 26.30-35, Marcos 14.26-31, Lucas 22.31-34, 39 e João 13.36-38, 18.1. Por razões que logo devem aparecer, vou começar analisando de trás para frente.

Quantos avisos?

Primeiro, João 13.36-38:

Simão Pedro diz a Ele, “Senhor, para onde vás?” Jesus lhe respondeu, “Para onde vou, tu não podes me seguir agora, porém mais tarde me seguirás”. 37 Pedro diz a Ele: “Senhor, por que não posso te seguir agora? Deitarei a minha vida por tua causa!” 38 Jesus lhe respondeu: “Tu deitarás a tua vida por minha causa?”

Deveras, deveras te digo, nenhum galo poderá cantar até que tu tenhas me negado três vezes!”¹

Observar o contexto singular que antecede o aviso do Senhor. Notar também a natureza enfática de Sua declaração – por utilizar um negativo duplo (no texto grego), Ele não deixa dúvida de que haverá três negações antes do primeiro galo cantar, a partir daquele instante. Notar ainda o local e o momento em que a conversa se deu. Estavam no cenáculo, onde tinham se reunido para celebrar a Páscoa. Transparece que esta conversa entre o Senhor e Pedro aconteceu perto do início dos acontecimentos, pois foi seguida pelo conteúdo dos capítulos 14, 15, 16 e 17, antes que saíssem do cenáculo e se dirigissem ao Monte das Oliveiras (18.1).

Segundo, Lucas 22.31-34:

Então o Senhor disse: “Simão, Simão! É fato que Satanás vos pediu para lhes peneirar como trigo. 32 Mas eu tenho orado por ti para que a tua fé não acabe por completo; portanto tu, quando estiveres recuperado, fortalece teus irmãos.” 33 Mas ele disse a Ele, “Senhor, estou pronto para te acompanhar, tanto para prisão como para morte!” 34 Então Ele disse, “Eu digo a ti, Pedro, nenhum galo poderá cantar hoje, antes que tu negues três vezes que me conheces!”

Observar outra vez o contexto singular que antecede o aviso do Senhor. É claramente diferente do contexto em João 13. Notar também que parece existir um aumento na ‘intensidade’ da troca. A palavra de Pedro tem um ‘que’ de reclamação; e o uso do nome de Pedro dá um tom severo à resposta do Senhor. O acréscimo de “hoje” (comparado com João 13) e a transferência de “três vezes” a uma posição mais enfática (no texto grego), contribuem para esse aumento. Outrossim, agora Pedro vai até negar que O conhece. Notar ainda o local e o momento em que a conversa se deu. Eles ainda estavam no cenáculo, mas parece que esta conversa aconteceu perto do final dos acontecimentos, porque apenas o conteúdo dos versos 35-38 faltava antes que deixassem o cenáculo e se dirigissem ao Monte das Oliveiras (22.39). É claro que mais coisas podem ter acontecido, além do conteúdo de 22.35-38, mas parece claro que o aviso registrado por Lucas não é o mesmo que o registrado por João, e que o aviso em João aconteceu primeiro.

Considero que uma comparação dos dois avisos, em grego, tanto impressiona como convence:

¹ A ênfase aqui é sobre a ausência obrigatória de qualquer canto de galo até que Pedro tenha negado [pelo menos] três vezes. Não há artigo definido com ‘galo’, de sorte que é “um galo”; o negativo é duplo, e portanto enfático, “absolutamente não”. Alguém que já morou onde tinha um bom número de galos sabe que um ou outro pode cantar a qualquer momento, e um ou outro costuma cantar cada hora durante a noite, ao passo que ao amanhecer fazem coro. Presumivelmente era por volta das 21:00 horas quando Jesus proferiu este aviso, e a primeira negação de Pedro deve ter acontecido pelo menos cinco horas mais tarde. Para que nenhum galo cantasse durante aquele intervalo, foi necessária participação sobrenatural – razão pela qual coloquei “nenhum galo poderá cantar” (se um anjo pode fechar boca de leão [Daniel 6.22], fechar bico de galo seria fácil demais).

João 13.38: “Την ψυχην σου ὑπερ εμου θησεις? Αμην, αμην λεγω σοι, ου μη αλεκτωρ φωνηση ἕως οὔ απαρητηση με τρις.”

Lucas 22.34: “Λεγω σοι, Πιτρε, ου μη φωνηση σημερον αλεκτωρ πριν ἢ τρις απαρητηση μη ειδεναι με.”

Realmente, não há comparação; são totalmente diferentes (mesmo levando em consideração que estavam falando hebraico, e que portanto estamos vendo uma tradução para grego). Assim como em João, aqui em Lucas temos uma declaração clara de que haverá [pelo menos] três negações antes que o primeiro galo cante.

Terceiro, Mateus 26.30-35:

E depois de cantar hino, saíram para o Monte das Oliveiras. 31 Então Jesus lhes diz: “Ainda esta noite todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersas’. 32 Mas depois de eu ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia.” 33 Aí Pedro, respondendo, disse, “Ainda que todos sejam levados a tropeçar por tua causa, eu jamais serei levado a tropeçar!” 34 Disse-lhe Jesus, “Deveras te digo que nesta noite, antes que qualquer galo cante, tu me negarás três vezes!” 35 Pedro diz a Ele, “Ainda que me seja preciso morrer contigo, eu jamais te negarei!” E todos os outros discípulos disseram o mesmo.

Observar que esta conversa aconteceu depois de terem abandonado o cenáculo, e que estavam a caminho do Jardim de Getsêmani. Outra vez o contexto se distingue daquele em Lucas e João – aqui o Senhor começa por avisar todos os discípulos. Pedro reage contradizendo Ele. O Senhor reitera o conteúdo dos avisos já dados a ele, Pedro, acrescentando “esta noite”. Pedro contradiz outra vez, utilizando um negativo duplo para enfatizar – ele já está ‘armado’ e beira o impertinente. Parece claro que Mateus registra um terceiro aviso, subsequente aos de Lucas e João.

Quarto, Marcos 14.26-31:

E depois de cantar hino, eles saíram para o Monte das Oliveiras. 27 Aí Jesus lhes disse: “Todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa nesta noite, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas serão espalhadas’. 28 Mas depois de ter sido ressuscitado, eu irei adiante de vocês para a Galileia.” 29 Mas Pedro lhe disse, “Mesmo que todos sejam levados a tropeçar, eu não!” 30 Aí Jesus lhe diz, “Deveras te digo que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que qualquer galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes”. 31 Mas ele insistiu com veemência ainda maior, “Se me for necessário morrer contigo, eu absolutamente não te negarei!” E todos os outros disseram o mesmo.

Os primeiros quatro versos são praticamente idênticos com a passagem paralela em Mateus, de sorte que ambos se deram no mesmo local e momento. Mas agora chegamos ao verso 30, o desespero daqueles que defendem a inerrância das Escrituras e a delícia de seus opositores. A declaração de nosso Senhor aqui é um

tanto diferente da que está em Mateus 26.34, mas a dificuldade principal está na frase “duas vezes”. Que podemos dizer: Seriam Mateus 26.34 e Marcos 14.30 relatos contraditórios do mesmo aviso?

Antes de aceitar tal hipótese, a exata fraseologia em Marcos 14.30 convida a nossa atenção. Creio que será uma ajuda ver, palavra por palavra, o que Jesus disse: “Deveras eu digo a ti que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que duas vezes cante qualquer galo, três vezes me negarás”. A declaração do Senhor parece um tanto forte. Há ênfase incomum no primeiro “tu”, por repetir o “ti”. “Duas vezes” também recebe ênfase forte. Como devemos entender tamanha severidade? O dizer de Pedro no verso 29 não nos parece merecer tanta severidade – a reação registrada em Mateus 26.34 parece ser mais apropriada. E como devemos entender Marcos 14.31? As palavras de Pedro são quase idênticas às em Mateus 26.35, mas são introduzidas com a qualificação, “mas ele insistiu com veemência ainda maior”. Para que a reiteração veemente?

Proponho que a solução é ler na sequência seguinte: Mateus 26.30-35^a e então Marcos 14.30-31. A saber:

Jesus: “Todos vocês serão levados a tropeçar por minha causa nesta noite, . . .”

Pedro: “Ainda que todos sejam levados a tropeçar por tua causa, eu jamais serei levado a tropeçar”.

Jesus: “Deveras te digo que nesta noite, antes que qualquer galo cante, tu me negarás três vezes”.

Pedro: “Ainda que me seja preciso morrer contigo, eu jamais te negarei!”

Jesus: “Deveras te digo que tu, hoje, nesta mesma noite, antes que qualquer galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes!”

Pedro, com mais veemência: “Se me for necessário morrer contigo, eu absolutamente não te negarei!”

Em outras palavras, Marcos omitiu a troca registrada em Mateus 26.34-35^a, ao passo que Mateus omitiu a troca registrada em Marcos 14.30-31^a. (A observação editorial, “e todos os outros disseram o mesmo”, vem no final do episódio inteiro).

Em três momentos separados Jesus avisou Pedro que ele O negaria [pelo menos] três vezes, antes que qualquer calo cantasse durante aquela noite. As respostas de Pedro ficaram cada vez mais agressivas até que, após o terceiro aviso, ele chegou ao ponto de contradizer o Senhor de forma bastante enfática (Mateus 26.35). Aí, finalmente, o Senhor perdeu a paciência (para assim dizer) e disse, em outras palavras: “Escuta! Não somente irás me negar três vezes antes que qualquer galo cante uma vez, tu me negarás outras três vezes antes que qualquer galo cante segunda vez!” E Pedro dá a mesma resposta, só que com mais veemência.

Pronto, o leitor terá percebido que enquanto eu respondia a segunda pergunta, antecipei a resposta para a primeira. O senhor avisou Pedro quatro vezes, cada

Evangelho registrando um caso distinto, e haveria [pelo menos] seis negações: três antes do primeiro cantar de galo (João, Lucas, Mateus), e outras três antes do segundo cantar (Marcos). Resta verificar se os diversos registros das negações de Pedro permitiriam semelhante proposta. Os textos relevantes são: Mateus 26.57-75, Marcos 14.53-72, Lucas 22.54-62 e João 18.15-27.

Quantas negações?

Mesmo uma leitura passageira sugere que as negações de Pedro foram provocadas por oito desafios diferentes: a porteira (João), uma criada no pátio (Mateus, Marcos, Lucas), a mesma criada uma segunda vez (Marcos), uma outra criada no pátio (Mateus), dois homens diferentes (Lucas e João), e a turma em dois momentos (João e Mateus, Marcos). Embora seja possível combinar um par ou outro, não há maneira razoável ou lógica de reduzir o número a três. Mas, e se foram pelo menos seis negações?

Para poder visualizar o quadro completo, devemos plotar a informação relevante num diagrama. Precisamos saber quem desafiou, aonde, quando, como foi feito, a reação de Pedro, e se galo cantou. Devido aos limites de espaço e tamanho de folha, farei um Evangelho de cada vez, começando por João.¹

João 18.15-27:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	a porteira	os guardas	parente do ferido
Aonde?	portão	fogueira	fogueira (?)
Quando?	bem no início	algo depois	um pouco depois
Como?	ela <i>pergunta</i> a Pedro “Não és tu também dos discípulos . . .?”	eles <i>perguntam</i> a Pedro “Não és também tu um dos seus discípulos?”	ele <i>pergunta</i> a Pedro “Não te vi eu no jardim com ele?”
Qual?	“Não sou”	“Não sou”	(negou)
E galo?	(nada)	(nada)	canta imediatamente

Lucas 22.54-62:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	um homem	outro homem
Aonde?	fogueira	fogueira (?)	fogueira (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	quase uma hora depois
Como?	ela <i>fita e afirma</i> aos demais, “Este também estava com ele.”	ele <i>afirma</i> a Pedro, “Tu és também deles.”	ele <i>afirma</i> aos demais, “Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu.”

¹ Uma comparação do conteúdo dos quatro Evangelhos nos revela que, grosso modo, João fornece informação não disponível nos outros três. Ele escreveu por último, com o propósito de suplementar os registros deles. Aqui também, as três negações relatadas por ele representam informação nova, não disponível nos outros três.

Qual?	“Mulher, não o conheço”	“Homem, não sou”	“Homem, não sei o que dizes.”
E galo?	(nada)	(nada)	canta, ainda falando

Mateus 26.57-75:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	outra criada	o pessoal
Aonde?	fogueira	pórtico	pórtico (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	logo depois
Como?	ela <i>afirma</i> a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o galileu.”	ela <i>afirma</i> aos demais, “Este também estava com Jesus, o Natsoreano.”	eles <i>afirmam</i> a Pedro, “Verdadeiramente também tu és deles, pois a tua fala te denuncia”
Qual?	“Não sei o que dizes”	“Não conheço tal homem” (com juramento)	“Não conheço este homem” (praguejando e jurando)
E galo?	(nada)	(nada)	canta imediatamente

Marcos 14.53-72:

	1ª negação	2ª negação	3ª negação
Quem?	uma criada	a mesma criada	o pessoal
Aonde?	fogueira	pórtico (?)	pórtico (?)
Quando?	lá pelas tantas	um pouco depois	logo depois
Como?	ela <i>olha e afirma</i> a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o Natsareno.”	ela <i>afirma</i> aos demais, “Este é um dos tais.”	eles <i>afirmam</i> a Pedro, “Verdadeiramente tu és um deles, pois és também galileu, e a tua fala é semelhante”
Qual?	“Não o conheço, nem sei o que dizes”	(negou outra vez)	“Não conheço esse homem de quem falais.” (praguejando e jurando)
E galo?	canta	(nada)	canta segunda vez

Se compararmos todos os parâmetros – quem, aonde, quando, como foi, que reação – simplesmente não há como ficar com apenas três negações; mesmo para ficar com seis requer alguma ginástica. Agora vou tentar colocar os acontecimentos em sequência cronológica, para ver como fica.

João 18.17 nos dá o que claramente é o primeiro desafio: quando a porteira, atendendo ao pedido de João, permitiu que Pedro entrasse, ela perguntou, “Não és tu também dos discípulos deste homem?”¹ Embora João estivesse ao lado dele,

¹ Todo mundo ali, incluindo a porteira, sabia que João era de Jesus, de sorte que a pergunta dela foi perfeitamente natural, sem malícia – sendo que João estava agindo a favor de Pedro, naquelas circunstâncias, ela deduziu que Pedro também seria de Jesus. Ora, João tinha ouvido todos os avisos que Jesus deu a Pedro, de sorte que, quando Pedro negou na presença dele, lá no portão, certamente João

Pedro negou, “Não sou”. [Que coisa!] Aí ele entrou no pátio e parou em pé perto do fogo. Os outros Evangelhos têm Pedro sentado, ao passo que João o tem em pé. Tudo indica que havia um bom número de pessoas ali, e não teria espaço ao redor do fogo para todos ficarem sentados. Presumivelmente eles iriam se revezar, ficando em pé perto do fogo para esquentar e depois se afastando para sentar. Dessa forma, tanto eles quanto Pedro estariam alternadamente sentados e em pé.

Todos os quatro Evangelhos têm Pedro no pátio, perto do fogo (Mateus 26.58 e 69, Marcos 14.54 e 66, Lucas 22.55, e João 18.18 e 25), e três deles (Mateus, Marcos, João) falam alguma coisa a respeito do Conselho lidando com Jesus, antes de prosseguir com as negações de Pedro.¹ Sabemos por Lucas 22.61 que Jesus estava numa janela que dava para o pátio, só que de costas para ele. João é o único que registra que o sumo sacerdote inquiriu Jesus sobre Seus discípulos (verso 19) – ele estava olhando para Jesus, e portanto para a janela aberta, e estaria falando alto o suficiente para que todas as pessoas na sala pudessem ouvir claramente; e com isso o pessoal no pátio também ouviram tudo – aí, no verso 25 lemos assim, “Portanto, eles disseram a ele, ‘Será que tu não és um de seus discípulos também?’ Proponho que o verso 25 nos dá o segundo desafio, com a sua negação. Os guardas ao redor do fogo, presumivelmente inspirados por ouvir o sumo sacerdote inquirindo Jesus sobre Seus discípulos, dirigem sua pergunta a Pedro. Ele responde a eles assim como à porteira, “Não sou”. Até aqui os desafios vieram em forma de pergunta, mas agora o ‘pique’ muda.

Entendo que a primeira negação registrada por Mateus (26.69-70), Marcos (14.66-68) e Lucas (22.56-57) perfazem um só episódio. Comparando os três podemos entender o seguinte. Uma certa criada do sumo sacerdote passou e viu Pedro sentado perto do fogo. Ela fitou ele e disse aos outros, “Este homem também estava com ele” (Lucas). Então ela se dirigiu a Pedro, “Tu também estavas com Jesus, o Natsareno, da galileia” (Mateus, Marcos). Mas ele negou diante de todos, dizendo, “Moça, não o conheço; nem sei e nem entendo o que tu dizes!” Aí ele saiu para o pátio, e um galo cantou (Marcos 14.68). Assim, aconteceram [pelo menos] três negações antes do primeiro cantar de galo.

Digo ‘pelo menos’ porque a terceira negação em João provavelmente caiba aqui também. Em 18.26 o verbo ‘dizer’ está no tempo presente, o que parece sugerir um intervalo curto, em vez de quase uma hora (Lucas 22.59). Não só, o desafio ainda veio em forma de pergunta, “Não te vi no jardim com ele?”, em vez de acusação direta, o que ficaria melhor perto do começo, e não do fim. Não vejo dificuldade com

ficou de olho nele durante a madrugada toda. Daí, temos testemunho ocular. É claro que o próprio Pedro também seria testemunho ‘ocular’, mas como ele estava sofrendo interferência satânica na mente, poderia não ter uma memória perfeita.

¹ Era depois da meia noite, e estava frio no pátio, e por isso fizeram fogo; mas provavelmente tinha pelo menos 50 pessoas na sala onde o interrogatório estava se processando, e todas as janelas estariam abertas.

a proposta de que todas as três negações em João façam parte da primeira rodada, e com isso João registra o primeiro cantar de galo. Assim sendo, eu entenderia que de fato houve quatro negações antes do primeiro canto, as três em João e a primeira dos outros três. Como o galo cantou “imediatamente”, eu diria que a sequência foi a seguinte: as primeiras duas em João, nessa sequência, então a primeira dos outros, e então, quando Pedro estava se deslocando para o pórtico, o parente da vítima de Pedro chega perto e faz a sua pergunta; com isso, Pedro estava no pórtico quando o primeiro galo cantou (Marcos 14.68). Aliás, desconfio que de fato foram quatro negações antes do primeiro cantar de galo, que foi registrado por ambos Marcos e João (lembrar que Jesus nem disse, nem deixou implícito, que haveria somente três).¹

Agora vamos à segunda rodada. Em Marcos (14.69) a mesma criada vê Pedro outra vez e começa a dizer aos outros, “Este é um deles”. Em Mateus (26.71) uma criada diferente vê ele e diz aos outros, “Este estava com Jesus o Natsoreano”. Em Lucas (22.58) um homem o viu e disse, “Tu também és um deles”. Para ficar com somente três negações na segunda rodada, duas destas teriam de ser juntadas, mas como já disse, não vejo nada no Texto que proíba mais que três. Parece-me que existe uma progressão no desespero de Pedro que culmina com ele jurando e praguejando. Para ficar com somente três, eu juntaria os casos em Marcos e Lucas num só episódio – a criada fala, Pedro nega, um homem apoia a criada, e Pedro responde, “Homem, não sou”. Então o caso em Mateus seria a sexta negação – Pedro acrescenta um juramento! Por causa do juramento, considero que esta negação aconteceu depois das outras duas. Contudo, em verdade, é minha tendência entender que foram de fato outra vez quatro negações antes do segundo cantar de galo; passo a analisar dessa forma.

A criada que causou a terceira negação não quis deixar por isso. Se ela o seguiu até o pórtico, ou se ele voltou ao fogo, creio que Marcos 14.69 registra a quinta negação. Nesse caso, Lucas 22.58 registra a sexta negação, talvez perto do fogo. Pedro está decididamente desconfortável; ele está recebendo atenção demais, atenção que não quer. Ele se desloca para o pórtico (talvez pensando em cair fora),² onde é abordado por outra criada (Mateus 26.71); Pedro nega com juramento (sétima negação). Lucas (22.59) coloca ‘por volta de uma hora’ entre as negações seis e oito, de sorte que talvez Pedro tenha ficado em paz por algum tempo. Contudo, o ‘julgamento’ já tinha terminado e os chefões estão esperando o amanhecer para que possam levar Jesus a Pilatos. Como os chefões não vão embora, os guardas e empregados também não

¹ A interferência satânica na mente de Pedro era tão eficiente que nem mesmo o cantar do galo o fez ‘acordar’.

² E porque será que Pedro não fugiu para longe naquele momento? Eu diria que houve interferência sobrenatural – simplesmente não foi permitido que ele fugisse.

podem – são obrigados a ficar lá fora no frio, totalmente entediados – agora Pedro é a única ‘peça’ no pedaço.

Para a oitava negação três Evangelhos oferecem candidato (Mateus 26.73-74, Marcos 14.70-72 e Lucas 22.59-60). Os relatos em Mateus e Marcos são muito parecidos e devem ser paralelos. Já que em Mateus o galo canta “imediatamente” e em Marcos “a segunda vez”, esta tem que ser a última negação – e como a esta altura Pedro esta jurando e praguejando, é bom que seja. A essa altura quase todo mundo nas dependências estaria sabendo de Pedro e suas negações. Finalmente eles ‘fecham o cerco’, citando seu sotaque. O relato em Lucas registra apenas um homem falando, mas suas palavras vão na mesma direção; e a negação tem que ser a última porque o galo cantou enquanto Pedro ainda estava falando. Podemos deduzir que várias pessoas falaram ao mesmo tempo (mas não em concordância), e os escritores preservaram um pouco da variedade do que se falou. Digo que o pessoal ‘fechou o cerco’ porque Pedro, desesperado, chega ao ponto de jurar e praguejar. E com isso temos uma segunda rodada de quatro negações, antes do segundo cantar de galo. Mesmo assim, foi necessário que Jesus fitasse Pedro (Lucas 22.61) para quebrar o feitiço satânico e levar Pedro a entender o que tinha feito.

Porém, cabe a pergunta: como é que cada autor de Evangelho registra somente três negações (embora com seleções diferentes), se de fato eram seis ou oito?¹ Proponho que estamos diante de um lindo exemplo da graça e sensibilidade de Deus. A humilhação seria mais do que suficiente por ter negado Jesus três/quatro vezes, mas prosseguir com outras três/quatro negações, mesmo após ouvir um galo cantar, seria praticamente insuportável. Em vez de fazer vitrine da conta inteira da ignomínia de Pedro, o Espírito Santo levou cada escritor a dar um relato parcial, o

¹ Em torno de 50% dos manuscritos gregos que contêm os Evangelhos, incluindo a melhor linha de transmissão, trazem colofões; esses colofões dizem que Mateus foi ‘publicado’ oito anos depois da ascensão de Cristo, Marcos dez anos depois, Lucas quinze anos depois, e João 32 anos depois da ascensão de Cristo. (Resulta que a sequência dos quatro Evangelhos obedece a ordem cronológica de sua publicação, não somente em nossas Bíblias, mas também na vasta maioria dos manuscritos.) “Primeiro ao judeu, . . .” (Romanos 1.16) – já que Mateus escreveu para um público judeu, as prioridades de Deus ditaram que o registro inspirado da vida de nosso Salvador nesta terra escrito por Mateus seria o primeiro a entrar em circulação. Então Marcos, com o Evangelho de Mateus aberto na sua frente, e com Pedro ao lado, escreveu para um público romano (como romano não daria a menor importância a Escrituras hebraicas, Marcos retirou quase todas as referências a profecia cumprida que estão em Mateus). Então Lucas, com ambos, Mateus e Marcos, na frente, escreveu para um público grego. Por fim João, com os primeiros três à mão, escreveu para preencher algumas lacunas, preservando informação importante não oferecida pelos outros – para o mundo inteiro.

Agora vamos avaliar as negações de Pedro a partir dessa sequência. Mateus escreve primeiro, com um cantar de galo. Mas Marcos diz que na realidade eram dois cantos de galo, e muda a segunda negação (a primeira e terceira são as mesmas em Mateus e Marcos). Lucas menciona só um canto de galo, muda a segunda negação outra vez, e oferece informação mais detalhada quanto à terceira. Portanto, até aqui já estamos com cinco negações. João menciona só um canto de galo, mas registra três novas negações, não mencionadas pelos outros três. Se estes registros são inspirados, então Deus o fez de propósito, e compete a nós procurar entender (ver o último parágrafo deste estudo).

suficiente para os propósitos do registro, mas sem torturar Pedro além do necessário. Acho interessante notar que é Marcos que fornece a dica necessária de que haveria uma segunda rodada de negações. Muitos manuscritos gregos afirmam que Pedro participou na composição deste Evangelho, e se for verdade, talvez tenha sido ele mesmo que insistiu em que a dica fosse incluída, enquanto os outros delicadamente evitaram fazê-lo.

O problema crítico-textual

Embora as edições impressas do texto grego do NT tragam talvez cem variantes na totalidade das passagens abordadas, só têm quatro que fazem diferença quanto ao propósito deste estudo. Portanto, vou comentar somente esses quatro.

Existem quatro lugares no registro de Marcos que tratam dos dois cantos de galo: “duas vezes” em 14.30, “e um galo cantou” em 14.68, “a segunda vez” e “duas vezes” em 14.72. Os casos 1, 3 e 4 funcionam juntos e parecem contradizer os registros em Mateus, Lucas e João. O caso 2 seria ainda pior, porque, segundo o relato de Marcos, Pedro só tinha negado uma vez quando o galo ‘avançou o sinal’ e cantou antes que deveria (pois Jesus havia dito que certamente haveria três negações, como registrado nos outros três Evangelhos). Por isso, já desde o segundo século, tem havido quem quisesse ‘ajudar’ Marcos, procurando resolver as dificuldades. O recurso que encontraram foi mexer com o texto.

Segundo o estado atual do nosso conhecimento, parece que cinco manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “duas vezes” em 14.30, nove manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “e um galo cantou” em 14.68 (embora um tenha sido corrigido e outro contestado), três manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “a segunda vez” em 14.72^a, e cinco manuscritos gregos (de má qualidade) omitem “duas vezes” em 14.72^b (e um outro omite a cláusula inteira). A lista de manuscritos muda em cada caso, assim como o testemunho das versões antigas. Apenas três testemunhas são coerentes ao ponto de omitir todos os quatro: o códice \aleph , o cursivo 579 (mas contestado em um caso), e o manuscrito “c” da latina antiga (it^c). O quadro total é curioso. Se o motivo das omissões foi fazer Marcos concordar com os outros Evangelhos, somente \aleph , 579 e it^c foram bem sucedidos. Dos doze manuscritos envolvidos, sete omitem apenas um dos quatro, um omite dois, e dois omitem três (com alguma dúvida). A não ser que alguém esteja preparado para mostrar porque \aleph e 579 devam ser preferidos acima de todos os demais manuscritos gregos (talvez 1.700 para Marcos), e it^c acima de todo o resto do testemunho das versões antigas, não há porque levar as omissões a sério. Contudo, calamitosamente, a ‘escola’ eclética faz questão de fazê-lo, mesmo sem a demonstração necessária.

As versões em inglês fazem barbaridades com os quatro casos, mas aqui vou me contentar em comentar o comportamento da Nova Versão Internacional, caso por caso, sendo que ela oferece nota de rodapé para todos os quatro. Em 14.30 ela

imprime “duas vezes”, mas tem a seguinte nota de rodapé: “alguns manuscritos não trazem *duas vezes*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘cinco’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores). Em 14.68 ela omite “e um galo cantou” e tem a seguinte nota de rodapé: “Muitos manuscritos acrescentam *e o galo cantou*” – por ‘muitos’ ela quer dizer ‘1.700’ contra nove (de má qualidade). Em 14.72^a ela imprime “a segunda vez”, mas tem a seguinte nota: “Alguns manuscritos não trazem *pela segunda vez*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘três’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores). Em 14.72^b ela imprime “duas vezes”, mas tem a seguinte nota: “Alguns manuscritos não trazem *duas vezes*” – por ‘alguns’ ela quer dizer ‘cinco’ (de má qualidade) contra 1.700 (melhores).

Agora, que possível motivo poderiam os redatores da NVI ter tido para incluir tais notas de rodapé? O efeito imediato é levantar uma dúvida quanto à confiabilidade do Texto naqueles lugares. Sendo que aqueles redatores eram evangélicos com elevado respeito pelas Escrituras, segundo dizem, por que queriam eles fazer isso? Talvez tenha sido uma preocupação com a inerrância do Texto que os motivou. Parece que eles não enxergaram qualquer outra solução para a discrepância aparente entre Marcos e os outros Evangelhos a não ser lançar a possibilidade de que \aleph , 579 e it^c estivessem certos. Quanta barbaridade!

Os redatores da NVI estavam totalmente equivocados. A pior coisa possível aqui seria seguir \aleph e omitir todas as quatro frases. Como já demonstramos, os quatro Evangelhos registram oito desafios diferentes que produziram negações, mas não tem dois deles com a mesma lista. Assim sendo, seguir \aleph nos obrigaria a abrigar oito negações antes do primeiro canto de galo, o que me parece ridiculamente impossível. A melhor solução para a situação é seguir o Texto verdadeiro, que Deus fez com que, neste caso, fosse preservado em mais de 99% da evidência. Pedro negou três/quatro vezes antes do primeiro canto de galo, e outra rodada de três/quatro vezes antes do segundo. O Senhor tinha prevenido Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22.31). Pedro deveria ter prestado atenção.

Implicações

Uma pergunta que surge é esta: como fica a integridade interna de cada relato? Por exemplo, no registro de João: mesmo que alguém sustente que duas das negações ocorreram antes do primeiro canto de galo, ao passo que a terceira negação veio após o primeiro, mas antes do segundo, isso iria atingir a integridade do Evangelho de João? Como poderia? Vamos rever o registro. Em João 13.38 Jesus disse a Pedro, “Deveras, deveras eu te digo, nenhum galo poderá cantar até que tu me tens negado três vezes!” O Senhor não disse ‘somente’ três vezes – a ênfase é sobre a ausência obrigatória de qualquer canto de galo até que Pedro negue três vezes, pelo menos três vezes (não há nada na exata frase que o Senhor usou que negue a possibilidade de que poderia haver mais que três). No Texto grego não há artigo definido com

‘galo’, e há uma negação dupla enfática com o verbo ‘cantar’ – “um (qualquer) galo não poderá cantar!” (Estas colocações se aplicam a Lucas 22.34 também; aliás, em todos os quatro Evangelhos, tanto nos avisos como nas concretizações, sempre é ‘um’ (qualquer) galo.

Atentando para as próprias negações, no registro de João, a primeira, no portão (18.17), não oferece dificuldade. A segunda negação (18.25) também não oferece dificuldade – essas duas aconteceram antes de qualquer cantar de galo. Mas, e se a terceira negação (segundo João, 18.26-27) aconteceu depois do primeiro cantar?¹ Não vejo problema de princípio. O Senhor afirmou um fato, que João registrou corretamente – teria de haver três negações antes do primeiro cantar de galo. Isto se cumpriu cabalmente, os ‘sinóticos’ fornecendo a terceira negação. Não há nada no registro de João que impede a possibilidade de que haveria cantares subsequentes. (Quem já morou perto de galos sabe que um ou outro canta cá e lá depois da meia noite, e ao amanhecer dão um concerto – parece-me óbvio que os primeiros dois cantos foram controlados por Deus para combinar com os avisos que Jesus deu.) Em 18.27, após a terceira negação no registro de João, lemos “e imediatamente um galo cantou”. João não diz que foi o primeiro canto. Alguém sem acesso aos outros Evangelhos iria imaginar, naturalmente, que João registrou o primeiro cantar de galo, e que as três negações representem um relato completo dos acontecimentos – mas nada no registro de João exige essa interpretação; decorre de informação incompleta, nada mais. Os outros três Evangelhos acrescentam negações que são claramente diferentes. Cada Evangelho oferece uma lista diferente de negações, algo como as peças de um ‘quebra-cabeça’. Os quatro registros se complementam, não se contradizem.

Tudo bem, mas como fica a integridade interna do registro de Marcos? Ele é o único que menciona o segundo cantar de galo, como tal; aliás, o seu relato se prende a ele. Jesus disse, “Antes que um (qualquer) galo cante duas vezes, tu em negarás três vezes”, e Marcos registra três negações antes do segundo canto de galo. Outra vez, Jesus não disse ‘apenas’ três vezes; a ênfase está sobre “tu” e “duas vezes”. Precisamos dos outros Evangelhos para ter o quadro completo, mas o registro de Marcos é coerente em si.

Tudo bem, mas como fica Lucas? No aviso a ênfase fica sobre a ausência obrigatória de qualquer cantar de galo até que Pedro negasse três vezes – pelo menos três vezes (Jesus não disse ‘apenas’ três vezes). Após descrever três negações Lucas escreve, “e imediatamente, enquanto ele ainda falava, um galo cantou”. “Um” galo – ele não diz que foi o primeiro. Depois, Lucas descreve Pedro lembrando que Jesus disse, “antes que um (qualquer) galo cante, tu me negarás três vezes”. Presumivelmente Pedro se lembrou de cada detalhe de todos os avisos, mas Lucas (assim como os outros) dá

¹ Como o leitor já sabe, creio que a terceira negação em João aconteceu antes do primeiro canto de galo, mas estou analisando esta possibilidade a favor de quem talvez prefira coloca-la na segunda rodada.

apenas uma descrição em parte – aliás, o aviso que Lucas diz que Pedro lembrou é o aviso registrado por Mateus, não o aviso que o próprio Lucas relatou. Um leitor dispondo unicamente do relato de Lucas poderia imaginar que estava lendo um relato completo dos acontecimentos, mas seria uma conclusão improcedente. O registro de Lucas é coerente em si, mas a exata fraseologia é tal que não contradiz a minha proposta.

Tudo bem, mas como fica Mateus? Praticamente tudo que escrevi a respeito de Lucas pode ser repetido aqui. Mateus diz que Pedro lembrou o aviso que ele mesmo registrou. De novo, é “um” galo. O registro de Mateus é coerente em si, mas a fraseologia permite a minha proposta sem complicação. Toda essa explicação nos traz de volta à pergunta: Mas como é que cada Evangelho menciona apenas três negações, e não seis, ou oito, ou como queira? Não sei; o Texto não explica. A melhor ideia que consigo fazer é de que Deus entendeu por bem não expor claramente o tamanho verdadeiro da ignomínia de Pedro (e talvez para testar a nossa propensão quando confrontados por uma coisa sem explicação). Mas dito tudo, o fato permanece que cada Evangelho oferece um sortimento diferente de avisos e negações, perfazendo um total de pelo menos oito negações.

Outro questionamento que já ouvi é este: para que se preocupar com uma questão como essa; por que gastar tempo com ela? Eu creio que por vezes Deus propositadamente introduz dificuldades/desafios nas nossas vidas – Jó na cinza, Abraão no monte Moriá, Moisés pastoreando ovelhas, José na prisão, Daniel com os leões, etc. etc. – e coloca enigmas no mundo, para testar a nossa fibra e determinação, e para nos levar a crescer. “A glória de Deus é ocultar uma coisa; tentar descobri-la é a glória dos reis” (Provérbios 25.2) [Mesmo que você não seja um rei, dá para entender.] A experiência de João o Batizador é do tipo que podemos entender. Ele estava frustrado, talvez até desiludido; ele cumpriu seu ofício, mas as suas expectativas não estavam sendo realizadas. Então ele enviou dois discípulos para cobrar de Jesus uma explicação. Em outras palavras, Jesus disse, “Preste atenção às evidências; faça seu dever de casa”, e termina dizendo, “E, abençoado seja aquele que não se ofenda por minha causa” (Mateus 11.6). Quando confrontado com uma situação difícil ou sem explicação, todo cuidado para não rebelar-se. É muito melhor obedecer a ordem registrada em 1 Pedro 3.15: “Santifiquem o Senhor Deus em vossos corações; e estejam sempre preparados para dar uma explicação a qualquer pessoa que vos pedir a razão da esperança que há em vocês, . . .” Já que inimigos de um Texto com autoridade objetiva costumam utilizar os relatos das negações de Pedro como argumento contra qualquer ideia de inerrância, considero que uma defesa dessa inerrância é tranquilamente procedente.

9. Quem comprou o quê de quem, e aonde? Atos 7.15-16 X Gênesis 23.17

Atos 7.15-16 — "Jacó desceu ao Egito, e morreu, ele e nossos pais; e foram transferidos para Siquém, e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor, de Siquém."

Quando comparamos este texto com os textos relevantes em Gênesis parece estarmos diante de algumas discrepâncias. Quem comprou o que, de quem, e aonde? Gênesis 33.19 nos informa que Jacó comprou uma área de Hamor, em Siquém. Por outro lado, Gênesis 23.16-20 explica que Abraão comprou uma área de Efrom, em Hebrom. A cova de Macpela foi a sepultura de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e Jacó e Lia, pois Jacó fez questão de ser sepultado ali, e foi (Gênesis 49.29-30; 50.13). Voltando a Atos 7, foi "nossos pais" que foram levados a Siquém, não Jacó.

Mas quando foi que Abraão comprou qualquer coisa em Siquém? A resposta deve estar em Gênesis 12.6-7. Abraão parou em Siquém e levantou um altar. Construir num terreno que pertencia a outro, e esse outro vendo tudo, não iria dar certo. Podemos deduzir, sem muito medo de errar, que Abraão comprou um terreno "aos filhos de Hamor, de Siquém". O Hamor no tempo de Jacó seria descendente do Hamor no tempo de Abraão, tranquilamente. Gênesis 14.14 diz que Abraão "armou os seus criados, nascidos em sua casa, trezentos e dezoito". Ora, Abraão tinha **muita** gente com ele, e alguém deve ter morrido enquanto ele estava parado em Siquém. Daí ele teve de comprar uma área para cemitério. Certamente esta informação estava disponível a Estevão em documento extra bíblico.

Voltando a Gênesis 33.19, é possível que Jacó tenha comprado uma área maior em torno da área comprada por Abraão. Mas porque os filhos de Jacó foram todos sepultados em Siquém? A resposta está em Gênesis 34.27-29. É que os filhos de Jacó mataram todos os homens de Siquém, saquearam tudo, mas ficaram com as crianças e as mulheres. E fizeram o que com as mulheres? Certamente casaram com elas; foi ali que encontraram mulher para tantos homens. Siquém sendo a fonte de sua riqueza e suas mulheres, seria natural que fossem sepultados ali. Inclusive, Josué 24.32 diz explicitamente que os ossos de José foram sepultados em Siquém.

Conclusão: não há discrepância. Tanto Abraão como Jacó compraram terreno em Siquém. Foram os filhos de Jacó que foram ali sepultados, não Jacó.

10. Quantas pessoas? Atos 7.14 X Gênesis 46.26 X Gênesis 46.27

Novamente, precisamos apenas prestar muita atenção a cada contexto e à formulação precisa do texto. Os três versículos nos dão três números diferentes: 75, 66 e 70, respectivamente. Vou começar com o menor número, que está em Gênesis 46.26: "Todas as pessoas que foram com Jacó ao Egito, que saíram de seu corpo, sem contar as esposas dos filhos de Jacó, eram sessenta e seis pessoas ao todo." O

dado crucial é 'de seu corpo', então quem eram eles? Rubem + quatro filhos = 5, Simeão + seis filhos = 7, Levi + três filhos = 4, Judá + cinco filhos + 6, Issacar + quatro filhos = 5, Zebulom + três filhos = 4, que somam 31, mas devemos incluir Diná para obter o total de 32 de Lia. Gade + sete filhos = 8, Aser + seis filhos + 7, mas devemos adicionar uma filha (mencionada no registro) para obter o total de 16 de Zilpa. José + dois filhos = 3, Benjamin + dez filhos = 11, que somam 14 de Raquel. Dã + um filho = 2, Naftali + quatro filhos = 5, que somam 7 de Bila. O total 'de seu corpo' é 69. Mas é claro que José e seus dois filhos já estavam no Egito, então sobram 66 que 'foram com Jacó para o Egito'. Gênesis 46.27 diz: "Todas as pessoas da casa de Jacó que foram ao Egito eram setenta." Isso inclui o próprio José (e os dois filhos que estavam no seu aparelho reprodutivo) e o próprio Jacó, e portanto, não há discrepância. Mas, e quanto a Atos 7.14? "Então José mandou chamar seu pai Jacó e todos os seus parentes, setenta e cinco pessoas." O 75 presumivelmente se refere a "todos os seus parentes", o que exclui Jacó e, claro, José. Presumo que nove esposas vieram para o Egito (as esposas são mencionadas em Gênesis 46.26), as outras duas morreram antes da migração. (Se incluirmos Jacó, haveria oito esposas.)

11. Abiatar não é Aimeleque – Marcos 2.26

"Como ele entrou na casa de Deus (tornando Abiatar sumo sacerdote) e comeu os pães consagrados, que apenas aos sacerdotes era permitido comer, e os compartilhou com os que estavam com ele?"

Mina tradução é um tanto diferente das costumeiras 'nos dias de Abiatar o sumo sacerdote' ou 'no tempo do sumo sacerdote Abiatar'. É que estamos traduzindo apenas três palavras gregas, que de forma bem literal seria 'sobre Abiatar sumo-sacerdote', mas a preposição aqui, *epi*, é a mais versátil das preposições gregas, e um de seus múltiplos usos é 'em direção a'. (O léxico padrão [em inglês], *BDAG*, alista dezoito áreas de sentido, sem contar subdivisões.) Recorrendo ao relato no AT, descobrimos que foi com Aimeleque, pai de Abiatar, que Davi conversou, por ser ele o sumo sacerdote naquele momento (1 Samuel 21.1-9). Dentro de poucos dias o rei Saul massacrava Aimeleque e mais 84 sacerdotes (1 Samuel 22.16-18), mas o seu filho Abiatar escapou e foi até Davi, levando com ele o éfode (1 Samuel 22.20-23; 23.6). O fato de Davi poder fazer uso dele para consultar o SENHOR nos leva a entender que teria de ser o éfode privativo do sumo sacerdote, pois unicamente aquele tinha o Urim e Tumim (1 Samuel 23.9-12; cf. Números 27.21, Esdras 2.63).

Aquele éfode era para o sumo sacerdote como a coroa era para um rei; como então poderia estar na mão de Abiatar? O Texto diz que a visita de Davi encheu Aimeleque de medo, presumivelmente porque ele também viu Doegue o edomeu e pressentiu o que iria acontecer. Sim, mas porque Abiatar não foi levado com os outros? Sugiro o seguinte: adivinhando o que iria acontecer (provavelmente Doegue se mandou em seguida, e Aimeleque calculou que teria pouco tempo), Aimeleque deliberadamente consagrou Abiatar sumo sacerdote, deu a ele o éfode, e mandou ele se esconder — é

provável que o fez naquele mesmo dia, pois com a chegada dos soldados para prender Aimeleque e os outros 84 seria tarde. Abiatar escapou, mas levou a notícia do massacre junto; só que agora ele era o sumo sacerdote.

Resumindo, foi a visita de Davi que teve o resultado de elevar Abiatar à condição de sumo sacerdote prematuramente, como o próprio Davi reconheceu, e a que Jesus faz alusão de passagem (razão pela qual coloquei entre parênteses). Mas porque faria Jesus alusão a isso? Suponho porque a Bíblia é clara sobre as conseqüências do pecado, e Davi mentiu a Aimeleque. Embora Jesus estivesse utilizando o comer de pão como exemplo, Ele não queria passar por cima do pecado, e suas conseqüências.

Havemos de lembrar que Jesus estava se dirigindo a fariseus, muito conhecedores das Escrituras do AT. Um caso notório como o massacre de 85 sacerdotes, ordenado por Saul, seria muito bem conhecido. Claro que nada do NT ainda havia sido escrito, de sorte que qualquer interpretação do dizer de Jesus teria de se basear em 1 Samuel ("Vós nunca lestes . . .?"). Se nós hoje queremos entender esta passagem, havemos de nos colocar no contexto descrito em Marcos 2.23-28. Os fariseus entenderiam que se Abiatar estava de posse do éfode que continha o Urim e Tumim, então ele era o sumo sacerdote. E como foi que ele chegou a esse ofício? Chegou por causa da visita de Davi; foi uma conseqüência direta e imediata daquela visita.

Alguém pode objetar que 'tornando' é um verbo, não uma preposição. Bem, tanto um pronome como um adjetivo podem representar uma frase, e uma preposição também pode. Em vez de uma frase de várias palavras, utilizei só uma.

12. Quirino – Lucas 2.2

"Este primeiro recenseamento aconteceu quando Quirino estava governando a Síria." Uns e outros têm alegado que Lucas 'pisou na bola', dizendo que esse Quirino governou de 6 a 10 d.C., ao passo que o primeiro recenseamento aconteceu muito antes. É que esse Quirino teve duas gestões: a mais conhecida se deu em 6 a 10 d.C., mas existe boa evidência para uma anterior em 4 a 1 a.C.

13. Quantos mil? 1 Coríntios 10.8 X Números 25.9

"E não fornicuemos, como alguns deles fizeram – e num só dia morreram vinte e três mil!" Números 25.9 diz: "E os que morreram daquela praga foram vinte e quatro mil". Então, foi 23, ou 24? Como sempre, devemos prestar exata atenção ao contexto. A chave está na frase: "num só dia". Após o primeiro dia, outros mil morreram, perfazendo um total de 24.000 mortos.